

CINEMA, LITERATURA, PSICANÁLISE*

Sueli RUGNO**

Falar em Psicanálise é logo remeter-se ao processo clínico entre analista e analisando.

Freud deu-nos o seu legado mostrando que o enfoque psicanalítico é um caminho a vislumbrar o Inconsciente. O pai da Psicanálise assim como Lacan, Klein e outros utilizaram-se de seus conhecimentos teóricos para a leitura literária. O próprio Freud esboça uma análise sobre a psicodinâmica de Da Vinci, partindo de sua obra plástica.

Essa postura do analista permite-lhe chegar mais perto do público leigo, levar à comunidade o que muitos denominam de "análise aplicada".

Num tempo hiper-inflacionado, em que o processo psicanalítico, que se estabelece no consultório, torna-se um serviço cada vez mais distante do povo, nada mais importante do que fornecer elementos teóricos assimiláveis por todos, profissionais de outras áreas e para o público em geral. O livro é um esforço neste sentido, mostrando aplicações práticas de uma teoria. É relevante dar a conhecer uma perspectiva de análise psicanalítica como a abordagem presente em programas de TV, jornais, revistas. O texto produzido por Silva Filho, mantendo um bom nível, foge ao mundo restrito dos psicanalistas, disseminando adequadamente a informação da teoria junto a um público mais amplo e diversificado.

O livro, cinema, literatura, Psicanálise, como o próprio título esclarece, é uma leitura analítica de várias obras de arte.

(*) SILVA FILHO, A. Carlos Pacheco — Cinema, Literatura, Psicanálise, São Paulo: EPU, 1988, 103 páginas.

(**) Psicóloga Bolsista — CAPES na USP

Tendo como base, principalmente o referencial kleiniano, o autor coloca o leitor diante do que está subjacente. Usando de termos técnicos específicos, recorre a todo seu conhecimento e experiência para elucidar o que seja, por exemplo, "objeto idealizado" e "objeto persecutório", assim como outros conceitos teóricos ao longo de seu discurso. É o que faz quando analisa, por exemplo, "O Cinema de terror" no comentário sobre Dr. Jenkill e Mr. Hyde de *O Médico e o Monstro*. Assim, possibilita a seu leitor uma compreensão do que é dito implicitamente, ou seja, o conteúdo latente, revelador do Inconsciente.

Silva Filho compõe seu livro em 22 capítulos divididos em três partes, a saber: a análise de obras cinematográficas como o *Inquilino* de Polanski, *Pretty Baby* de Malle, entre outros. Na segunda parte detém-se na análise aplicada de algumas obras literárias. Entre as selecionadas — *D. Quixote de la Mancha* (Cervantes), *O Pequeno Príncipe* (Saint-Exupéry). A parte final é uma releitura de "O caso Schreber" (Freud) e do livro de Jung intitulado *Sonhos, Memórias, Reflexões*.

Como estudo final, aparece *Os Seres Imaginários* (Borges). Utilizado como texto conclusivo, o mesmo encontra-se deslocado no segmento dado pelo autor a sua obra, quebrando a coesão que vinha sendo estabelecida. Entende-se que deveria estar incluso na análise das obras literárias, pois como se apresenta leva ao desequilíbrio interno do texto.

Entre as obras analisadas, foram as cinematográficas que mereceram maior cuidado e profundidade nas observações feitas, ficando reservada para Buñuel uma apreciação ainda mais minuciosa.

Voltado o livro para o público leigo, o autor incorre em uma falha não apresentando dados, muitas vezes essenciais, da obra de arte original, necessários para a compreensão de seu pensamento.

Não se pode esquecer que, mesmo sendo o cinema mais popular, algumas fitas são restritas a um certo público. E a literatura em geral, e mais ainda a científica, fazem parte da vida de uma pequena parcela da população.

Posto isto, acredita-se necessária a inclusão de ficha técnica das obras estudadas para o melhor entendimento dos

aspectos abordados no livro, pois na forma apresentada o empenho do autor fica, por vezes, empobrecido.

A conclusão do livro parece também não atingir os objetivos do autor, uma vez que Freud e Jung são leituras de pequeno alcance junto ao leigo.

De qualquer forma, o livro é capaz de incitar o leitor na busca das obras citadas.

Embora não constitua uma idéia original, é uma produção de nossos dias, mostrando também ao público especializado — o psicanalista — uma postura menos ortodoxa na relação com a teoria psicanalítica.